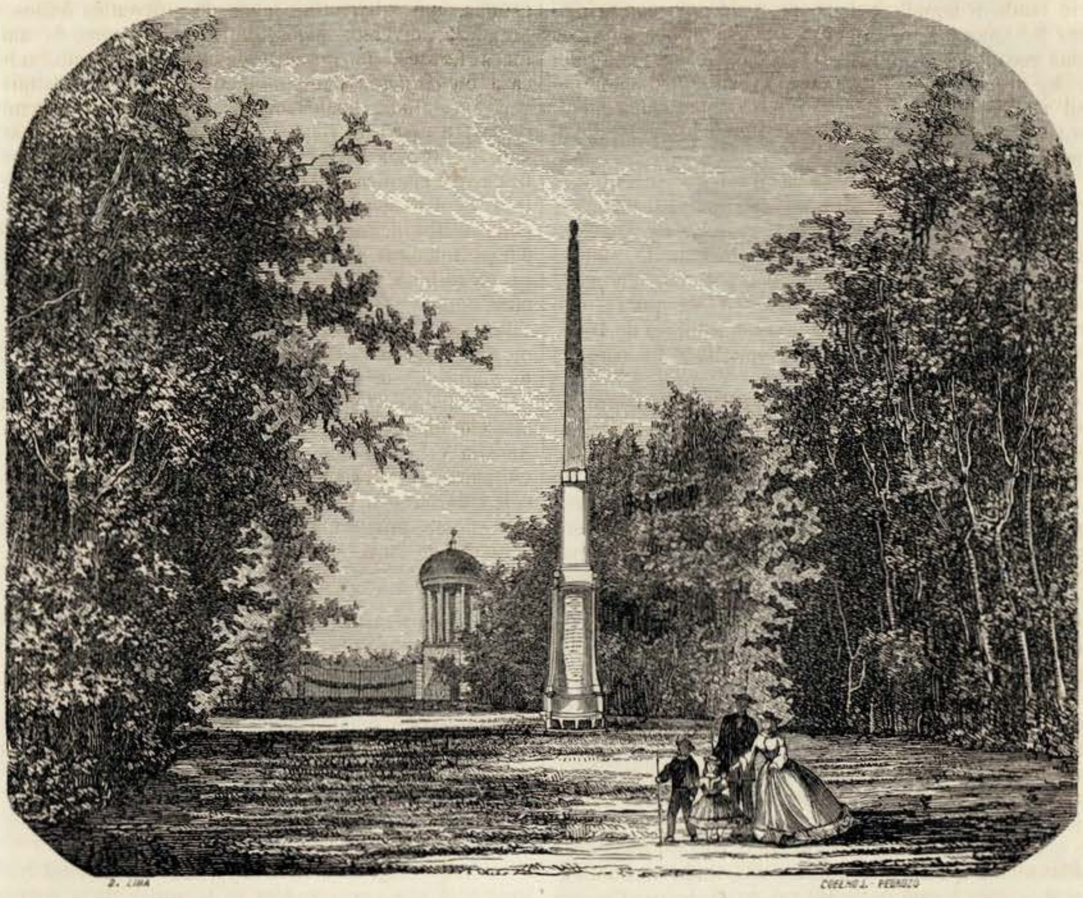


Quinta das Larangeiras

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

(Vid. pag. 22)

ARRABALDES DE LISBOA

Como todas as grandes capitaes, Lisboa, desde que rompeu seu primeiro cinto de muralhas, tem ido absorvendo em si as povoações visinhas. Assim vemos hoje no coração da cidade os sitios onde outr'ora avultavam villa Quente, Valverde, villa Gallega, villa nova de Andrade e outras mais. N'esse tempo, os terrenos que constituem actualmente os seu suburbios, apenas contavam de longe em longe alguns logarejos e varias quintas. A importancia, povoação, e aformoseamentos dos arrabaldes de Lisboa datam do terremoto de 1755. Depois d'esta catastrophe, muitas familias da cidade ahi se foram estabelecer, umas levadas do terror, não querendo mais habitar no seio de grandes povoações; outras guiadas pela necessidade de se acolherem ás suas fazendas, como unica taboa de salvação depois do naufragio de suas fortunas. D'esta epocha por diante começou a edificação em grande escala. Aquelles logarejos, pela maior parte, foram-se ligando uns aos outros; e em breve se uniram á propria capital por uma longa fileira de palacios, casas e jardins, que pouco a pouco foram guarnecendo as estradas por onde se communicava com as visinhas aldeias.

I

ARRABALDES DO NORTE

Bemfica, Calhariz, Porcalhota, Bellas e Queluz

Saíndo pelas barreiras de S. Sebastião da Pedreira, estrada de Bemfica, a uns tres kilometros da praça do Commercio, e em linha recta com a mesma, chega-se aos mais lindos suburbios de Lisboa, situados no ameno e extensissimo valle que vae correndo para o norte em direcção á serra de Cintra.

Logo ao saír das barreiras está a

Quinta de Palhavã. — Esta propriedade, ainda não ha muitos annos, era celebre pela espessura de seus bosques, pela grandeza dos jardins e preciosa collecção das suas plantas, pela abundancia de estatuas e vasos de marmore que a decoravam, d'entre as quaes algumas sobresaíam por excellencia d'arte, e finalmente pela bondade e frescura de suas aguas. Esta quinta e palacio foram fundados na segunda metade do seculo XVII por D. Luiz Lobo da Silveira, segundo conde de Sarzedas. Seu filho, D. Rodrigo da Silveira, terceiro conde do mesmo titulo, fez-lhe muitos augmentos, entre outros o grande portão da entrada principal, onde avultam as armas d'esta antiga e illustre familia, que vindo a extinguir-se no seculo passado, reverteram os seus bens para os condes da Ericeira, creados posteriormente marquezes de Louriçal; e pela extincção d'esta casa succederam nos seus morgados os srs. condes de

Lumiares. No palacio de Palhavã morreu em 7 de dezembro de 1663 a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha do duque de Nemours, e mulher delrei D. Pedro II, tendo ido para alli convalescer. Serviu tambem aquelle palacio de residencia aos principes D. Antonio, D. Gaspar, e D. José, filhos naturaes mas reconhecidos del-rei D. João V, (o segundo veiu a ser arcebispo de Braga, e o terceiro inquisidor geral de Lisboa), aos quaes o povo appellidava *meninos de Palhavã*, epitheto que lhes conservou ainda mesmo na velhice.

Durante a longa residencia d'estes principes em Palhavã chegou a quinta ao seu maior esplendor, e mais esmerada cultura. Adornavam-se os seus jardins com a mais rica e bella collecção de plantas exoticas que então havia na capital. Depois da morte dos principes começou a decadencia da quinta, que augmentou posteriormente á invasão franceza de 1808. Porém a grande ruina d'esta propriedade foi causada pelas luctas durante o cerco de Lisboa de 1833, na guerra da restauração da liberdade. Foi theatro de um mortifero combate na tarde e noite de 5 de setembro d'aquelle anno. Palacio e quinta tudo foi assolado. Desde então progrediu a devastação até ao ponto de reduzirem a terras de trigo os seus bosques, pomares, e jardins. Passado tempo alguns dos seus vasos e as figuras de marmore mais pequenas vieram ornar a varanda do jardim que se prolonga com o palacio do sr. conde de Lumiares, ao Passeio Publico. Porém ainda lá se conservam algumas estatuas colossaes, erguendo-se em meio de cearas, e lagos ornados de figuras, tudo feito em Italia, havendo entre estas obras de arte algumas producções do celebre esculptor Bernini. Felizmente esta propriedade foi comprada ha pouco pelos srs. condes de Azambuja, que se propõem a restaurar o palacio e quinta, conservando ao primeiro todas as suas feições primitivas. [1]

Continuando pela mesma estrada encontra-se pouco adiante um edificio arruinado, dividindo os dois caminhos que levam a Bemfica e ao Pinheiro. Era um *palacio dos duques de Cadaval*, onde se celebraram as pomposas festas do casamento do terceiro duque d'aquelle titulo, D. Jaime de Mello, com a princeza D. Luiza, filha bastarda e reconhecida del-rei D. Pedro II. O terremoto de 1755 destruiu quasi completamente o palacio e a quinta annexa, não offerecendo hoje coisa que interesse aos curiosos, senão esta recordação historica.

Proseguindo chega-se ao sitio de Sete-Rios, d'onde partem para a direita a estrada das Larangeiras e para a esquerda a de Campolide. Este nome estendia-se até ao largo do Rato em tempos del-rei D. Fernando em que teve começo, derivando-se dos combates que alli houve por occasião do cerco de Lisboa pelas tropas de Castella. Chamava-se então *Campo da Lide*. Continuando a seguir a estrada de Sete-Rios para Bemfica avulta do lado direito a

QUINTA DAS LARANGEIRAS. — Foi fundada esta magnifica propriedade na segunda metade do século passado pelo primeiro barão de Quintella, pae do sr. conde do Farrobo. O risco do palacio e planta da quinta e jardins foram feitos pelo padre Bartholomeu Quintella, da congregação do oratorio, e tio do fundador. Porém as obras mais grandiosas d'esta quinta e seus principaes aformoseamentos, é tudo devido ao actual proprietario o sr. Joaquim Pedro Quintella, primeiro conde do Farrobo. No palacio, cujas salas são decoradas com gosto e magnificencia, existe uma boa collecção de quadros, de auctores nacionaes e estrangeiros, e outros objectos de arte. O theatro contiguo, incendiado ha pouco, era de muita elegancia e riqueza, da mesma sorte que o grande salão de baile e mais camarins que o cercam. Procede-se actualmente á reedificação. Na quinta ha diversos jardins, mui lindas estufas, um labyrintho, lagos de differentes feitios e grandeza, diversos jogos, um amphitheatro de animaes ferozes, um viveiro de aves de recreio, uma casa ou *chalet suisso* no meio de uma mattasinha, varias estatuas, bustos, e vasos de marmore, e mirantes, e casas de regalo de invenções variadissimas.

A quinta das Larangeiras está situada entre as estradas de Bemfica e das Larangeiras, a cinco kilometros de distancia da Praça do Commercio. O palacio e o theatro deitam para a segunda estrada, que vae á Luz, Telheiras, Carnide, etc. Sobre a primeira abrem-se magnificos porticos de gradaria de ferro, ornados com figuras de marmore, e com dois esbeltos pavilhões, com suas columnas e estatuas tambem de marmore. Dão entrada para uma rua magestosa, mui larga e comprida, orlada de arvoredo tapetada de relva perennemente viçosa, com um formoso lago, e um elevado obelisco de marmore branco e côr de rosa. Remata esta rua nos jardins do palacio, ficando este em perfeita correspondencia com os referidos porticos e pavilhões.

A nossa gravura representa a metade d'esta rua para o lado da estrada de Bemfica.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Não juntâmos a esta noticia uma vista d'este palacio porque o estado das obras, que n'elle se fazem ao presente, obstam a que se possa tirar um desenho com perfeição. Dal-a-hemos logo que seja possivel.

HISTORIA SUPERSTICIOSA DE UM RELOGIO

— Sonhei a noite passada com uvas pretas. Triste nova me espera! O meu Venancio anda ha tanto tempo sobre as aguas do mar, e sem haver noticias d'elle, que não sei o que me adivinha o coração!

— Não faça caso, menina Rosa, que os sonhos mentem as mais das vezes.

— Não, não, sra. Gertrudes, não ha sonhos com uvas sem que perto andem as lagrimas. Pois sonhar com aves? Ha dois annos, pelo natal, sonhei, por má sorte minha, com um casal de perús, e em menos d'um anno entrou o meu Venancio para o recrutamento do mar, e em hora tão aziaga foi, que ainda não voltou, nem ha noticias...

— Dê de mão a essas *pennas*, minha menina. Se por sonhos não quizermos em casa o que faz a abundancia da mesa de todos os fidalgos de Lisboa, d'outro modo não nos entra portas a dentro. Lá no entornar do azeite, ou em ter em casa figuras de gesso, é que eu tenho arrelia. Pois não sabe? A Carolina que tinha a mãe a vender fruta na praça da Figueira, em quanto teve em casa um periquito de gesso, que lhe deu, por bem, já se entende, um rapaz ahi do bairro, na vespera de Santo Antonio, não houve coisa má que lhe não acontecesse. E tanto que logo que a mãe veiu n'essa noite para casa, entornou um candieiro d'azeite, e d'ahi a oito dias ficou a pobre da rapariga de cama, com tal doença d'olhos, que por mais de meio anno não viu para enfiar uma agulha.

Como ella vivia de costurar para o hospital dos marinheiros, e adoecesse por aquella fórma, faltou-lhe a agencia do trabalho; a mãe teve de ir levar ao monte-pio um cordão de oiro que tinha, para a sustentar. O rapaz que lhe offerecêra o periquito, e que estava contratado a casar com ella, parece que entrou n'um roubo por que se deu na Fundição, e não sei que sumiço levou. Se eu não me resolvo um dia a entrar em casa d'ella, e atirar pela janella fóra com o maldito agoiro, ainda agora a pobre Carolina estaria entaipada em casa, sem ver sol nem lua. Assim está a viver muito bem lá para Santa Apollonia, com seu marido, que é, segundo tenho noticia, *engenheiro*

das empreitadas do caminho de ferro. E olhe que ella ainda chorou mais de quatro lagrimas pelo tal periquito, que era a ultima lembrança do tonante que lhe metteu a desgraça em casa.

O dialogo que sem alteração essencial acabo de referir, não tem intima relação com a historieta que vou contar; no entanto foi elle que deu motivo a escrevel-a.

N'uma das muitas occasiões em que levo parte das noites a passear por Lisboa, para admirar sob todas as suas feições esta feiticeira do Tejo, aqui viva e buliçosa, alli concentrada e sombria, além deserta e muda, perdido no labyrintho d'Alfama, entrei ao acaso no beco da Rosa.

Todos conhecem, ao menos por tradição, o bairro d'Alfama. Edificado n'uma epocha em que não eram moda as senhoras passearem pela rua, e em que as mais imaginosas Levaillants e Alines d'aquelle tempo não presentiam a moda dos balões; em muitas d'aquellas ruas é impossivel entrar esta elegante moda em todo o seu requinte, e com aquelle recato que não deixa perceber o apuro do calçado além do limite das honestas conveniencias. O beco da Rosa é um d'aquelles em que os predios parece terem sido construidos a certa distancia dos fronteiros, para não lhes deixarem dar grande quéda no caso de terremoto, ou para a visinha poder passar de mão a mão pela janella, o mólho de carqueja, ou a bilhinha d'agua, quando o freguez não veiu a horas. Alli, os afortunados Leandros, sem maravilhas de acrobatismo, podem d'um só impulso transpor o Helesponto.

Tal é o beco da Rosa, onde eu entrava, quando a alguns metros acima da cabeça ouvi um murmurio de vozes, que, com a aproximação, se tornaram distinctas. Como a camara municipal, solicita em não adulterar os monumentos da velha Ullysséa, ainda não quiz acabar com a tenebrosa côr local do bairro mourisco, conchegueí-me e escondi-me com o sombrio vão d'uma porta, e curiosamente escutei a instructiva conversação de duas visinhas que badalavam de janella para janella.

Eram, segundo se nomeavam polidamente, a menina Rosa e a sra. Gertrudes, a communicarem mutuamente as suas crendeirices. Imaginei-me em plena provincia. Ergui os olhos ao ceo, e custou-me a encontrar uma nesga d'azul. Foi isto, e um bico de gaz, esperto como John Bull á sobremesa, quem me trouxe á realidade de Lisboa, mesmo porque só das étneas fumaças da Boa-Vista podia irradiar aquella mortiça luz. Em Lisboa! E chamarem ás provincias parvalheira! As nações custam sempre a educar. A sua existencia moral não se transforma, completamente, em limitados periodos. No centro da civilisação portugueza, no foco d'onde irradiam as mais brilhantes luzes da intelligencia, parece que não deviam existir d'estas aberrações do espirito; mas não sei que mysterioso symbolismo do mundo moral se encontra no mundo physico, que até a astronomia foi descobrir manchas no sol.

Porque existem ainda tantas superstições, não sendo ellas mais do que o resultado da fraqueza do espirito, proveniente da falta do trato e cultura, que logo aos primeiros toques mostram o frivolo e pueril que ellas contém? Embora sem fundamento, existe e existirá sempre o amor do sobrenatural, a crença do maravilhoso d'onde se filiam, por onde se pretende explicar a maior parte das eventualidades da vida; e a idéa christã, que nós temos de Deus e de seus attributos, muitas vezes cede envergonhada, mas cede, aos avoengos preconceitos de que nos imbuiram com o primeiro leite, e com que nos abastardaram o mais puro da razão.

Os sonhos da menina Rosa e as figuras de gesso da sra. Gertrudes levaram-me por todo este philosophar; e á maneira do que succedia a X. de Maistre, a vida mechanica e instructiva a que elle, me parece, chamava *la béte*, deu commigo nas proximidades d'uma casa de que sou visita habitual. Em sitio conhecido, *l'âme* regressou ao seu poiso, advertiu-me que era noite de partida, e entrei.

Ferviam-me na mente, buliçosas como duendes, as figuras de gesso; queria contar a minha historia por todo o preço, mas dei mil tratos á mente para achar ensejo. Fallava-se nas colossaes proporções que tomam os objectos vistos no *grandioso* microscopio solar do Passeio, quando a proposito de maravilhas pude fallar da conversação que tinha escutado.

Nunca outro narrador teve mais frio acolhimento. Algum riso de mofa, que provocou o meu conto, não recaíu sobre as crendices das duas interlocutoras, mas sobre a minha incredulidade. É certo que escolhi mal o auditorio, como reflecti depois.

D. Angelica de Macedo, que foi quem me ouviu com maior desdem, havia n'aquella semana ido á rua dos Remedios consultar uma mulher de virtude, sobre o *quebranto* que uns olhos invejosos deram á sua cadelinha favorita.

D. Guiomar de Miranda, segundo rezava a antiga chronica d'aquella pequena sociedade, havia rejeitado um bom casamento, o unico que tivera, por acreditar com excessiva boa fé nas adivinhações d'um baralho de cartas, em que certa amiga lhe tinha mostrado um rei d'espadas ao pé de uma dama d'oiros, em quanto a pobre dama d'espadas estava inteiramente desacompanhada de figuras, a muita distancia, e no meio de cartas que só diziam lagrimas e tristezas.

— Perjuro! Bradou a sra. D. Guiomar allucinada pela cartomancia. E não houve depois justificação possivel da parte do seu Adonis, porque a amiga d'esta donzellona tinha rezado bem todas as palavras ao deitar as cartas, e saiu a mesma coisa tres vezes a fio.

O capitão Mascarenhas, velho militar reformado, que fizera em cadete a guerra da peninsula, já uma vez estivera a ponto de perder a unica filha que tinha, pela influencia d'uns feitiços. E não era prudente contestar-lhe o facto, porque, resentindo-se dos habitos da guerra, queria transmittir aos incredulos as suas convicções com a violencia da voz e do gesto. Uma vez que me contou como a sua menina definhava a olhos vistos, com um fastio mortal, enfraquecendo a ponto de se não poder ter em pé, e que por acaso lhe foram encontrar entre os colchões um enorme sapo, meio morto, com um bocado de pão duro na boca e os olhos cosidos com um fio de retroz encarnado, fiquei com o braço direito mortificado por muitos dias. Tanta era a cordialidade e frequencia com que me assentava a mão no hombro.

— Quando tal vi, dizia o capitão despejando sempre n'este ponto um chuveiro de improperios contra o feiticeiro, peguei logo no pobre animal, descosi-lhe os olhos e deitei-o a pastar na relva. Foi um ai. Minha filha está como se vê, nunca mais lhe doeu nem um dedo, e tem saude para dar e vender.

Santo Antonio quando prégou aos peixinhos tinha melhor auditorio do que eu.

O sr. Fortunato de Macedo, marido de D. Angelica, teve dó de mim, e começou a declamar contra as abusões. Respirei. Era elle o individuo mais auctorisado d'aquella sociedade, sabia muito, e uma vez senhor da palavra era capaz de sustentar um ministerio por oito dias.

— Eu não sou homem de preconceitos, não ha aqui ninguem que o não saiba, disse o sr. Fortunato. Quando eu era rapaz, e que vivia na provincia, ouvia por lá todos os dias contos de bruxas e de lobishomens; fallavam-me de medos que appareciam nas ruinas d'algum castello ou egreja, nas procissões dos mortos em dia de finados, e eu nunca deixei de sair a

qualquer hora da noite, e até por pimpão fui por horas mortas a sitios onde muitos não iriam de dia por obrigação. Mas que ha coisas que justificam certas crenças, é incontestavel.

Que me dizem dos presentimentos? Quando foi o naufragio do vapor *Porto*, um amigo meu que trazia lá um filho, teve á minha vista um annuncio da sua morte. Estavamos ambos a conversar sobre os negocios a que o rapaz tinha ido ao Porto, quando um criado trouxe a correspondencia. Era ao cair da noite, e já havia luzes. O meu amigo abriu uma carta, era do filho a dar-lhe parte de que embarcava n'esse dia. Pelo meio da leitura a luz do candieiro começou a enfraquecer, e por mais esforços que se fizeram para lhe dar corda, a chave estava tão presa que não andava nem desandava. Ai o meu filho que morre! Exclamou fóra de si o meu amigo. Tragam outra luz antes que esta se apague! Quando chegou um castiçal, a luz do candieiro apagou-se completamente. Isto presenciei-o eu, e é bem sabido o desastroso fim de todos os passageiros d'aquelle vapor. Não havia já que desviar a conversação do mau rumo que levava. Mallograram-se os meus intentos. Tinha querido fazer rir, e quasi me faziam chorar. A incredulidade luctava-me ainda na consciencia e não queria ceder.

Que relação tem a luz que nos alumia com a vida que se extingue?

Ha dias peguei n'um periodico, e li, n'uma noticia estatistica, que em cada segundo morre um individuo da especie humana. Já se vê quanto é facil a um esquadrinhador de coincidencias imaginar a correspondencia entre factos naturaes e acontecimentos sinistros. Que de vezes não se extingue uma luz sem que por isso morra uma pessoa que nos é cara? Os acontecimentos desagradaveis da vida são tão naturaes e communs, tem ligações tão necessarias e estreitas com a essencia da humanidade, que a omnipotencia de Deus os deixa succeder como as trovoadas, as cheias dos rios, etc., sem que para o fim do homem seja necessario enviar-lhe o prenuncio d'elles. Assim o creio; é para mim um principio de fé instructivo, um habito do espirito, que não sei por que preço o veria transformado.

(Continua) A. C. DA SILVA MATTOS.

USOS E TRAJOS DE BARROSO

I

Este singular e tão pouco conhecido paiz, tem sido desde mui remotas eras habitado por um povo agricola-pastor.

As dilatadas encostas das muitas serras e montes, que o cortam em diversas direcções; os numerosos prados naturaes; os extensos maninhos, offerecendo bons passeios, facilitam a criação de muito gado de differentes especies, vaccum, cavallar, caprino e lanigero, sendo o segundo em menor quantidade, mas o primeiro de boa raça e lucrativa producção.[1] Na guarda e pastoreamento dos rebanhos se occupa grande parte da população: de ordinario os pastores tomam a seu cuidado o gado miudo, lanigero e caprino. Este é de inferior qualidade e de pouco desenvolvimento, em razão do clima aspero e frio; ainda assim não deixa de ser numeroso, e de muito prestimo, tanto por contribuir para os adubios indispensaveis ao bom grangeio das centieiras e outros terrenos, como pela lã das ovelhas pretas e brancas, de que se faz grande consumo no paiz, além da exportação para fóra d'elle, tanto em bruto como em obra. Estas lãs fiadas e tecidas em casa são mandadas ao pisão (machinas ou moinhos que ha por estes sitios), e depois de apisoadas e alizadas servem para diversos fatos, e especies de vestidos, adoptados aos rigores e inclemencias do clima frio e agreste. O homem veste jaqueta, calça e polainas de burel; a mulher capucha e sáia. D'este panno fazem as mantas para uso domestico, e para vender, sobre tudo na feira de S. Miguel em Basto.

[1] Vid. os art. a pag. 21, 38 e 52 do vol. V d'este semanario.

Demoremo-nos um pouco na descripção do trajo da

PASTORA DE BARROSO

II

A estampa, fiel retrato da pastora que o habil desenhador casualmente encontrou descalça, e a quem ella parece mirar com estranheza, nos dispensa da minuciosa narrativa da fórma e qualidade de cada peça do seu vestuario. Additaremos porém algumas noticias ácerca d'estes trajos singulares, para satisfazer a curiosidade dos estranhos ao paiz.

É muito raro que a pastora barrosã ande descalça; e o mesmo digo do geral da população; quem vive n'este paiz sabe que o solo, durante oito mezes impregnado quasi sempre de uma humidade fria, resultado de neves derretidas, gelos e geadas, não permitte que se ande descalço. Usam as mulheres no monte e nos trabalhos de fóra, por calçado, de umas *socas* mais solidas, e que melhor resguardam o pé do que as que trazem ao domingo, e lhes chamam *socas de peça alta;* devemos advertir que aqui, como em quasi toda a parte, ha fato domingueiro, ou de festa, e fato usual. Notaremos depois a principal differença entre um e outro.

Tres qualidades de meia usam as mulheres de Barroso: meia de pé, feita de linha ou de lã, a mais commum, e que se usa em toda a parte; meias redondas, vulgò *piúcas*, que só chegam até á extremidade inferior do artelho, como se vê na estampa; estas são ordinariamente de lã preta, em alguns sitios, mas tambem se usam de lã branca; em algumas freguezias do extincto concelho de Ruivães apparece outra especie de meia, ou quasi polaina, chamada *adélha*, feita de burel branco, que resguarda o pé até á base, menos pela parte anterior, sendo cortada no meio do peito do pé.

As sáias das lavradoras, durante o inverno, são na maior parte de burel, e tambem de varas. As familias mais pobres costumam mandar tecer um panno misturado de fios de lã e estopa, a que chamam *xerguilha*, de que fazem sáias, e mais geralmente aventaes, para os tempos menos frios. No verão se usam já muito sáias e vestidos leves, de ganga, chita, etc.

Os jaqués são de baetão, varas, etc. Usam quasi todas as mulheres, entre a camisa e o collete, de faxas de lã preta, e ás vezes vermelha: é necessario confessar que as mulheres d'este paiz apertam-se com mais modestia e aceio, que outras muitas em algumas partes da provincia do norte; em alguns concelhos do Minho temos visto a tal respeito pouco gosto, senão bastante desalinho.

O cabello, que antigamente muitas traziam cortado, ou redondo, hoje em geral usa-se penteado: os lenços da cabeça e do pescoço são em grande parte comprados nas lojas. D'antes as mulheres usavam de toucas de linho.

A *capucha* é uma capa fechada similhante ao capuz; cobre a cabeça e desce até a região inguinal. É trajo muito necessario e commodo n'este paiz, de que usam geralmente as mulheres e os rapazes que pastoréam. As capuchas são de burel. O alto do capuz é de ordinario menos agudo do que representa a estampa; e a extremidade inferior da capa mais arredondada.

Nos domingos e dias de festa usão as lavradoras de capa, jaqué, e sáia de panno, lenços brancos, e muitas dos de seda, meia branca, chinela ou *çoca* de meio pé, de tacha amarella.

E para que se não diga que n'este recinto de Portugal não ha progresso, vemos nas parochias ruraes capinhas, pios, chales, etc.; e na villa de Mont'Alegre, séde do concelho, reina a moda com todos os seus caprichos, inclusivè as sáias-balões.

(Continúa) X. X.

TYPOS RURAES

(TRAZ-OS-MONTES)



Pastora de Barroso

LISBOA EM 1584

(Vid. pag. 78)

Passemos agora a tratar dos chafarizes publicos, e principalmente do que se chama chafariz del-Rei. É de boa construcção, e todo de pedra marmore. De uma nascente proxima recebe as aguas, que n'aquella cidade são abundantes, e as lança por bocas muito espaçosas e bem trabalhadas, sendo tal a concurrencia de servos e criados que a vão buscar, que até pela noite adiante alli estão em carreira esperando a sua vez. Esta agua é, além de abundante, muito boa para a saude, especialmente depois de estar algum tempo em casa. Ha tambem boa agua em outras fontes dos suburbios de Lisboa. Proximo d'este chafariz ha outro não menos concorrido, onde é costume fazerem aguada as naus que navegam para diversas partes. Fóra d'estes sitios ha outros chafarizes muito afamados, que seria longo referir um por um, principalmente n'aquelle bairro da cidade habitado de pescadores, que tem sua egreja parochial dedicada a Santo Estevão [1]. Estes homens, apesar de pagarem a el-rei não pequeno tributo, são comtudo tão ricos e dinhei-

[1] É singular que o auctor não faça menção do chafariz mais notavel que havia em Lisboa, chamado vulgarmente dos *Cavallos*, pelos que tinha de bronze como principal adorno. Era o mais notavel como obra de arte, e como padrão historico. Não cabe nos limites de uma nota tratar d'este e de outros chafarizes que tiveram celebridade. Dedicar-lhes-hemos um artigo especial em occasião opportuna.

rosos, que a sua procissão annual do Corpo de Deus rivalisa com a propria procissão da cidade, não duvidando os que vivem da pesca gastar muito dinheiro com esta solemnidade. Omitto fallar das estancias em que se vende toda a casta de madeiras, das officinas de fundição de peças de artilheria, e outras similhantes fabricas em que é immensa a multidão de gente de trabalho. Não fallo dos conventos de frades e mosteiros de freiras que ha proximo do rio, n'este lado da cidade, especialmente o famoso dos Santos Martyres de Lisboa, Verissimo, Maxima e Julia, cujas reliquias se veneram na sua egreja [1]; e o outro da Madre Deus [2], aquelle de donzellas nobres da ordem de S. Thiago, este de religiosas franciscanas recolétas; e só acrescentarei que o extremo d'esta parte da cidade é aformoseado por outro magnifico palacio real, que D. João III mandou edificar com grande dispendio, com o fim de servir aos reis de Portugal para desvio da corte e desterro do trafego d'ella, quando mais opprimidos da fadigosa labutação dos negocios publicos, e mais carecidos de socego. Muito folgarieis que vos fizesse por menor a descripção d'este palacio, porque poderieis assim conhecer melhor a magnificencia de seus edificios, a grandeza dos reis portuguezes n'estas obras, e finalmente a pericia dos que as executaram; mas como havia em Lisboa tanta multiplicidade de coisas dignas de serem vistas, não tivemos tempo para indagal-as todas, e fazer d'ellas apontamento. [3]

Adiante d'este real paço ha outros dois conventos famosos, um dedicado a S. Francisco [4], outro a S. Bento [5]; e um pouco mais longe ha outro de freiras, que é o mais notavel de Lisboa por sua antiguidade, e se chama vulgarmente o mosteiro de Chelas. [6]

São estes os principaes edificios situados na margem povoada do Tejo, na extensão de seis milhas, de que a estreiteza do tempo nos permittiu que fallassemos.

Voltando pois ao terreiro do Paço, entremos na cidade. Temos diante de nós as suas principaes ruas. A primeira que se nos apresenta é a rua Nova [7], a melhor de todas por sua largura, comprimento, casas de muitos sobrados, e concurrencia de povo. É tanta a sua largura, que n'uma parte d'ella, distincta com grades de ferro, se ajuntam todos os homens de negocio que mercadejam com os de vastas cidades da Europa, e especialmente com os de Sevilha, Burgos, Valhadolid, *Metirnia*, Veneza, Genova, e outras muitas praças. É incrivel a riqueza das lojas d'esta rua, nas quaes se encontra não sómente grande variedade de lanificios de todas as qualidades, mas tambem fazendas de seda, veludo, e damascos lisos e lavrados ou bordados, em tanta abundancia e qualidades differentes, que o valor do que taes mercadores tem exposto á venda orça pelo valor de muitos milhões de oiro. Ha n'esta rua, além d'outras coisas, edificios admiraveis, de tantos pavimentos e com tantos inquilinos, que não se conhecem uns aos outros, nem de cara nem de nome.

A segunda rua é a Aurea, em que se trabalham delicadas e artificiosas obras de oiro, e se lapidam muitas e mui variadas pedras preciosas, ou para se venderem ou para se engastarem, no que apenas se póde exprimir a abundancia do oiro e das pedras preciosas, a perfeição artistica, e a multidão dos artifices. Nem posso dizer qual d'estas duas ruas se avantaja á outra, no valor e copia dos objectos vendaveis.

A terceira não é menos formosa, e está povoada de cinzeladores, esculptores, latoeiros e fundidores. Mas, como disse que seguiria o caminho em linha recta, não me demorarei em mencionar as outras ruas, aliás famosissimas, cuja descripção vos causaria não pouca admiração, especialmente a da rua dos Confeiteiros. Porque, como todos os annos da Ilha de S. Thomé, de muitos portos do Brasil, ilhas Canarias e da Madeira, é importada para Lisboa, em muitissimos navios, innumeravel quantidade de finissimo assucar, é tal a abundancia de doces e bolos expostos á venda n'esta rua, que não sómente dá para o consumo da cidade, mas se exporta para muitas outras da Europa. Não seria menor a vossa admiração se percorressemos as lojas em que se trabalha em obras de prata, linho e lã, a que são destinadas outras tres ruas, pois nunca acabaria se quizesse enumerar as officinas de todo o genero, collocadas em ruas e logares proprios.

Mas, como já disse, sigamos em caminho direito para a celebre praça, quasi quadrada, situada no meio da cidade, cercada de grandiosos edificios, entre os quaes ha dois que a todos os outros se avantajam. Um d'estes é o hospital real de Todos os Santos, fundado e dotado por el-rei D. Manuel com real grandeza, e rendas necessarias, e augmentado com larga mão por D. João III, assim nas obras de construcção como na dotação [1]. A egreja d'este hospital está assente em arcos de aboboda, tão altos e espaçosos, que se sobe para ella por uma escadaria de vinte degraus de muito boa pedra. Este templo, que é de uma só nave, tem o tecto de madeira da Noruega, todo entalhado, e as paredes revestidas de muitas e insignes pinturas, parte das quaes representam os reis de Portugal, e são havidas em tanta conta, que nos dias ordinarios estão cobertas com cortinas, e nos de festa se põem patentes. O altar principal da capella-mór está situado de modo, que quasi todos os doentes pelas tribunas dos tres lados da mesma capella podem, das suas camas, ver o sacerdote quando celebra missa. E não sómente se diz missa todos os dias n'esta egreja, mas ha côro diario, servido por muita clerezia; e nos dias solemnes são os divinos officios acompanhados por musica a muitas vozes e instrumentos. Quanto a galerias ou enfermarias, ha tres muito extensas, as quaes vão todas abocar no altar-mór, como fica dito. Uma d'estas é para os feridos, e outros doentes de molestias pertencentes á cirurgia; outra é dos que tem febre, e a terceira das mulheres atacadas do mesmo mal. Além d'estas ha outras duas destinadas aos que padecem molestias contagiosas. No pavimento inferior a estas galerias ha um hospicio vastissimo, a que melhor chamarei albergaria, em que se dá abrigo a todos os pobres indigenas e de fóra. Tem mais um *criandario*, ou hospicio de crianças engeitadas e das casualmente abandonadas, que alli são amamentadas por amas pagas; e depois, quando chegam á edade adulta, são entregues a varios mestres ou a mulheres para lhes ensinarem algum officio ou mister. Ha tambem uma casa de orates, ou alienados, como hoje dizemos, para tratar e curar os infelizes que perderam o siso. Ha demais um domicilio para as pessoas nobres que não podem

[1] É o convento de Santos o Novo, fundado por el-rei D. João II, destruido pelo terremoto de 1755, e reedificado depois.

[2] Vid. o artigo e gravura a pag. 33 do v vol.

[3] Falla aqui o padre Sande do palacio de Xabregas, e parece incrivel que escrevesse tão mal informado, que attribuisse a fundação d'elle D. João III, sendo a fundadora a rainha D. Leonor, tia d'este soberano, do que existem escripturas authenticas, além do testimunho de muitos escriptores contemporaneos da dita rainha.

[4] O convento de S. Francisco de Xabregas, hoje fabrica do Tabaco. Tratámos d'elle no capitulo do nosso *Roteiro de Lisboa*, dos arrabaldes da cidade, que principiámos a publicar n'este numero.

[5] O convento de S. Bento de Xabregas, vulgo do Beato Antonio — idem.

[6] O mosteiro de S. Felix, de conegos regrantes de Santo Agostinho — idem.

[7] Tinha esta rua 60 palmos na sua maior largura. Foi obra del-rei D. Diniz, e corria exactamente por onde hoje se estende a *rua Nova del-rei*, vulgò dos *Capellistas*.

[1] Não é menos digno de reparo, que o auctor attribua a fundação d'este grande hospital a el-rei D. Manuel em logar de D. João II, que foi quem o fundou. Felizmente estas inexactidões recáem sobre edificios, cuja historia é muito conhecida, e authenticada com documentos, aliás as asserções do padre Sande lançar-nos-hiam em muita confusão. A pag. 213 e 215 do vol. IV encontrarão os nossos leitores um artigo acompanhado de gravura ácerca do hospital de Todos os Santos.

curar-se em suas casas, as quaes são tratadas pontualissimamente, com a condição, quando são dinheirosas, de compensarem no fim da doença os gastos feitos, para não cercear minimamente o patrimonio dos pobres. Ainda tem outra enfermaria para as molestias incuraveis, em que os doentes de taes enfermidades são até á morte assistidos de todo o necessario. Finalmente, os frades, e especialmente os reformados de S. Francisco, tambem tem um aposento especial para se tratarem e curarem. É admiravel o modo seguido com os doentes. Ha enfermeiras para as mulheres, e enfermeiros para os homens; e cada doente tem o seu cubiculo de tal maneira disposto, que os cadaveres dos fallecidos são occultamente removidos por uma porta falsa, para que os doentes com o medo da morte não desanimem. Quanto aos medicos, cirurgiões e boticarios, são escolhidos entre os melhores da cidade, e pagos a bom dinheiro. Todos os gastos d'esta grandiosa casa saem das rendas que lhe constituiram os senhores reis D. Manuel e D. João III, e por isso reluz alli em tudo a abundancia, o aceio, e o esplendor proprio de uma real instituição.

Entesta com este hospital o convento dos frades dominicos, que merece mui honrosa menção, competindo com os primeiros de Lisboa, já pela grandeza da obra, já pelas virtudes e saber de muitos dos seus religiosos, e concurrencia dos fieis aos actos de devoção que na sua egreja se praticam [1]. E para dizer alguma coisa mais por menor d'esta casa, acrescentarei, que florecem n'ella em subido grau os estudos da philosophia e da theologia, de sorte que tem muitos doutores ou mestres, e muitissimos prégadores que annunciam a palavra de Deus em toda a cidade de Lisboa e suas cercanias. O numero total de toda esta communidade era superior a cento e vinte religiosos, entre os quaes primava então o rev. P. Fr. Luiz de Granada, famoso em todo o mundo por sua santidade, sabedoria e eloquencia. Abunda esta egreja em ricas alfaias, e entre estas contam-se vinte e duas alampadas de prata, quarenta calices, e quinze lanternas do mesmo metal.

O outro lado d'esta praça está embellezado por um palacio real sumptuosissimo, com jardins amenissimos, que por brevidade não descrevemos aqui. Foi mandado edificar pelo infante D. Pedro, filho del-rei D. João I, para hospedar honrosamente todos os embaixadores estrangeiros que viessem a Portugal, e é tido na conta de um dos sete principaes monumentos de Lisboa. A este palacio está annexa uma cavallariça real, contendo um numero de cavallos correspondente á grandeza e opulencia da corte.

Não devo omittir outra coisa que aformoséa esta praça. É o mercado que alli ha todas as terças feiras, em que é grande a multidão de gente, e tanta a quantidade e variedade de generos expostos á venda, em tendas bem proporcionadas, que parece bastariam não para um só dia, mas para um mez, e para um anno; de sorte que acodem alli não sómente os plebeus e os nobres, mas tambem as donas illustres, sem apparato de criados, dizendo-se até que a *propria rainha* algumas vezes fazia o mesmo por curiosidade de ver a feira. [2]

Se sairmos fóra dos muros da cidade, encontraremos alguns conventos grandiosos, especialmente o da Annunciada [3], que foi fundado por um devoto da Senhora, e teve depois tanto augmento, que é hoje dos principaes da corte, e muito exemplar, contando entre o numero das religiosas muitas donzellas nobres. Depois d'este convento segue uma rua muito extensa, cujas casas, mais de apparencia campestre que urbana, ostentam rara magnificencia, em razão das hortas amenissimas, e quintas deliciosissimas que muitos fidalgos edificam n'aquelles sitios, por estarem mais desembaraçados e livres de casaria que de portas a dentro da cidade.

Mas passemos para já á ponta da setta, como lhe chamei, em que está edificado um vastissimo convento de freiras da ordem de Christo, pouco antes construido á conta da fazenda da infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel, rica de virtudes e de cabedaes, a qual era fallecida doze annos atraz. Está este convento distante da cidade quatro milhas, ou uma legoa e um quarto, que percorre em linha recta o centro dos arrabaldes.[1]

(Continúa) A. J. DE F.

[1] O convento de S. Domingos foi fundado por el-rei D. Sancho II em 1241. Fez-lhe a primeira egreja el-rei D. Affonso III, e el-rei D. Manuel reedificou e augmentou o convento. No reinado de D. João V fizeram-se grandes obras n'este edificio, que o terremoto arruinou, reconstruindo-se depois. A egreja é hoje parochia de Santa Justa. Fallaremos d'este templo em outra occasião.

[2] E a feira da ladra.

[3] O mosteiro da Annunciada, fundado no seculo XV para os religiosos de Santo Antão, e habitado por freiras dominicas desde 1539, foi destruido inteiramente pelo terremoto. A sua egreja, começada a reconstruir posteriormente, está agora em obras para servir de parochial de S. José. Está no largo da Annunciada.

[1] É o convento de Nossa Senhora da Luz. Vid. pag. 358 do vol. V.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

51.º

DO USO DOS TERMOS FAMILIARES E PLEBEUS

Valendo-se da copiosa lição que tem dos nossos bons escriptores, o sr. dr. J. F. de Castilho, para comprovar a theoria que expende na *Grinalda Ovidiana* [2], de que as phrases vulgares, populares, ordinarias, communs, triviaes, corriqueiras e plebéas, se devem empregar sempre que o demandarem os assumptos, adduz varios exemplos, taes como o de A. Herculano, que transcrevemos a pag. 48. A divisão das materias que estabelecemos no plano d'este semanario, não nos consente darmos longos extractos, pelo que aconselhâmos aos que se quizerem desembaraçar das difficuldades da lingua, e não são poucas, recorram ao *Ovidio* dos srs. Castilhos, e nomeadamente ao logar citado da *Grinalda*.

Apontaremos comtudo mais um exemplo frisante que alli vem, porque necessita de advertencia.

É o seguinte referido por Filinto Elysio.

«Um padre muito douto, da Censoria [3], riscára no manuscripto do *Telemaco*, traduzido por Manuel de Sousa, a palavra *orelha*, como baixa e deshonrada; mas o capitão que sabia mais portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou: «Que é o que S. Pedro cortou a Malcho em certa noite de *agarração?* O meu *censorio* ficou como um *patinho*. «A orelha (lhe retrucou o Sousa) é membro e soffre córte; e o ouvido é sentido que não ha ahi *facalhão* de frade que o decepe.»

Este exemplo é bem trazido para justificar o emprego da palavra orelha n'aquelle caso; mas não se julgue pela definição que ahi se põe na boca de Manuel de Sousa, que seja impropriedade empregar-se *ouvidos* como synonymo de *orelhas*, tomando figuradamente a parte pelo todo. V. g. o antigo adagio: Fazer *orelhas* de mercador, usa-se hoje com melhor accepção, dizendo-se communmente: Fazer *ouvidos* de mercador. Não já n'est'outro: A palavras loucas *orelhas* moucas, em que o vocabulo se emprega figuradamente por causa da rima. Vid. sobre esta distincção os *Synonymos* de fr. Francisco de S. Luiz.

Bluteau já tinha notado no seu Vocabulario:

«Querem alguns criticos que dizendo-se orelhas sejam de asno; e que por esta razão se ha de dizer ou-

[2] Appendice á Paraphrase dos *Amores de Ovidio*, de seu irmão o sr. A. F. de Castilho, pag. 257 e seg.

[3] Tribunal creado em 1792 para a censura e approvação dos livros.

vidos.» E ahi mesmo reprehende este escrupulo, citando em seu abono Camões e outros.

Candido Lusitano nas suas *Reflexões sobre a lingua Portugueza*, a pag. 102 da 3.ª parte, na palavra orelha diz:

«Apesar da apologia de Manuel de Faria e Sousa por esta palavra, ao commentar a est. 6. da canc. 9. de Camões, não querem hoje os polidos se use d'este termo em alguns modos de fallar, de que estão cheios os nossos classicos. Por exemplo, não admittem que hoje á maneira d'elles se diga «*orelhas* divinas ou reaes; applicou as *orelhas;* deu-me benignas *orelhas*, etc; mas pretendem *justamente* que em taes accepções se diga sempre *ouvidos*». N'estas phrases assim deve ser, embora haja nos classicos exemplos em contrario, por que mais proprio é dizer, *prestar ouvidos*, por *dar attenção*, etc; e assim diremos offender os *ouvidos* delicados, ou castos; e não offender as *orelhas*, que póde significar feril-as ou dar-lhes algum puxão. Isto porém não obsta a que se use do termo proprio, quando for bem cabido, e não cause equivoco, porque não é rasteiro nem plebeu, como julgava o censor a que se referiu Filinto Elysio.

A maior parte dos extractos que faz o sr. Castilho sobre o uso dos plebeismos, são de poetas comicos e satyricos, os quaes tem mais liberdade de usar das phrases picarescas da lingua. D'estas abusou muitas vezes Filinto; pelo que nem sempre deve ser seguido. De todos os nossos poetas de auctoridade, o sr. A. F. de Castilho é o que mais propria e decorosamente usa de plebeismos.

MEDALHAS DE D. JOÃO IV, D. PEDRO IV E D. MARIA II

José Arnaldo Nogueira Molarinho, natural de Guimarães, é um modesto artista estabelecido ha alguns annos na cidade do Porto. Sem estudos theoricos, sem rudimentos, a si, á sua vocação e perseverança, deve tudo quanto sabe e vale. Ensaiando primeiro varios trabalhos de ourivesaria, dedicou-se ultimamente á arte de abridor e gravador, desenvolvendo-se d'uma maneira admiravel, com especialidade em trabalhos de marfim.

É já extensa a lista das suas producções, sobresaindo entre todas os retratos em marfim (que muito honram o seu merecimento artistico) do fallecido monarcha o sr. D. Pedro v, e o de S. M. o sr. D. Fernando, em um medalhão offerecido pelo artista ao mesmo augusto Senhor, medalhão que S. M. muito apreciou, e que mereceu ao auctor a distincta honra de ser brindado pelo Rei-artista com um valioso e lindo alfinete de amethysta com brilhantes, acompanhado de uma carta muito lisonjeira para o sr. Molarinho; o retrato do grande estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, e o do celebre caudilho italiano Garibaldi.

Ás duas exposições promovidas pela benemerita «Associação Industrial Portuense» em 1857 e 1861 concorreu o sr. Molarinho com primorosos e variados trabalhos, obtendo em ambas o ser distinguido com medalhas de prata.

As suas ultimas obras são: uma medalha de oiro com o retrato do compositor e insigne violinista portuguez, Francisco de Sá Noronha, a quem foi offerecida na noite em que, no real theatro de S. João se representava em seu beneficio a sua muito applaudida opera «*Beatriz de Portugal*»; uma medalha commemorativa da nossa independencia em 1640, [1] e recentemente a medalha de «D. Pedro e D. Maria» creada para distinguir os individuos que desde 1826 a 1834 prestaram serviços á causa da liberdade. São d'estas duas ultimas medalhas os desenhos que acompanham este artigo, e que nos dispensam da sua descripção.

[1] O retrato de D. João IV que se vê n'esta medalha, é copia fiel de um que existe na bibliotheca publica do Porto.

Ao presente está concluindo alguns trabalhos para a exposição promovida pela «Associação Promotora das bellas-artes em Portugal» que actualmente se faz em Lisboa. Depois concluirá tambem o cunho para um medalhão, em ponto grande, com o retrato de D. Pedro v, em que este principe, de saudosa recordação, será fielmente reproduzido.



Medalha de D. João IV



Medalhas de D. Pedro IV e de D. Maria II

Se estas poucas linhas chegarem ao conhecimento do sr. Molarinho, que ellas lhe sirvam de estimulo para proseguir e se aperfeiçoar na carreira que tão auspiciosamente encetou, e que o vae tornando conhecido em todo o paiz.

Não se desvaneça elle já com os justos e bem merecidos gabos que as suas aprimoradas producções lhe tem grangeado. Continue sempre com o mesmo afinco e tenacidade, como até agora, e o futuro lhe proporcionará, além da merecida recompensa pecuniaria, um logar muito distincto entre os artistas nacionaes.

Ao governo ousâmos nós recommendar este intelligente artista, que pela sua reconhecida habilidade se torna digno da protecção dispensada a tantos outros.

A. M. Leorne

THEMAS CLASSICOS

É tão honrado o trabalho, e tanto de homens, que só a estes pertence, para que se exercitem e passem a vida n'elle. Por onde, se ella for acompanhada de continuo exercicio e trabalho, poderemos dizer o que de si dizia Catão: «que uma das coisas de que mais se honrava, era de não deixar passar tempo em cujo decurso não fizesse alguma coisa, ou aprendesse a trabalhar.»

Com muita propriedade comparou, um moderno grave, o trabalho a uma espada bem açacalada, e á casa frequentada de gente; querendo mostrar, que assim como a espada ou o ferro, sem se usar d'elle, se enche de ferrugem, e fica de nenhum valor; e a casa sem habitador, por mais firmes e solidos fundamentos que tenha, facilmente virá a terra: da mesma maneira o homem sem trabalhar, e estando ocioso, virá a fazer-se tal que o desconheçam; e, cheio de ferrugem, isto é, de maus humores, venha a dar comsigo na terra da sepultura.

M. Affonso de Miranda — *Tempo de Agora*.